

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO AMERICANA INSTITUTO
LATINO-AMERICANO DE ARTE, CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH) MEDIAÇÃO
CULTURAL - ARTES E LETRAS**

LUCAS GAUCHINHO RODRIGUES

**ÁRVORE GENEALÓGICA MIGRANTE:
UMA CARTOGRAFIA AFETIVA DESDE HISTÓRIAS DE VIDA**

Foz do Iguaçu
2023

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO AMERICANA INSTITUTO
LATINO-AMERICANO DE ARTE, CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH) MEDIAÇÃO
CULTURAL - ARTES E LETRAS**

LUCAS GAUCHINHO RODRIGUES

**ÁRVORE GENEALÓGICA MIGRANTE:
UMA CARTOGRAFIA AFETIVA DESDE HISTÓRIAS DE VIDA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito à obtenção do título de Bacharel em Mediação Cultural - Artes e Letras.

Orientadora: Dra. Diana Araujo Pereira

Foz do Iguaçu

2023

LUCAS GAUCHINHO RODRIGUES

**ÁRVORE GENEALÓGICA MIGRANTE:
UMA CARTOGRAFIA AFETIVA DESDE HISTÓRIAS DE VIDA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Mediação Cultural - Artes e Letras.

Aprovada em: 19/05/2023

Conceito: 9,5

BANCA EXAMINADORA

Prof.Dra. Diana Araujo Pereira (Orientadora)

UNILA

Prof.Dra. Cristiane Checchia

UNILA

Prof.Dra. Giane da Silva Mariano Lessa

UNILA

Qhipnayra uñtasis sarnaqapxañani

AFORISMO AYMARA

Este aforismo puede traducirse aproximadamente así:

*“Mirando atrás y adelante (al futuro-pasado) podemos
caminar en el presente-futuro”.*

SILVIA RIVERA CUSICANQUI

RESUMO

O processo criativo “Árvore genealógica migrante: uma cartografia afetiva desde histórias de vida”, parte da escuta das histórias de vida de meus avós maternos e paternos, para elaborar caminhos de experimentação artística mediados pelo oral e visual. Nas histórias contadas entre a família, há relatos de diferentes deslocamentos migratórios, que interligam Brasil, Paraguai e Argentina, sendo um tema que atravessa esta produção de objeto artístico. A qual, além da necessidade de pesquisa de cunho teórico-prático, implica pesquisa de campo, realizada por meio de conversas com avós paternos e avó materna, reunindo seus relatos como dispositivo para a criação. Os recursos utilizados no desenvolvimento da parte prática desta pesquisa em arte voltada à mediação cultural foi baseada em gravações de áudio e registro escrito da memória das ações. Tudo isso gerou o material editado que se encontra nesta cartografia afetiva audiovisual aqui apresentada.

Palavras-chave: Mediação Cultural; Histórias de vida; Cartografia Afetiva; Pesquisa em Arte.

RESUMEN

El proceso creativo “Árbol genealógico migrante: una cartografía afectiva desde historias de vida”, parte de la escucha de las historias de vida de mis abuelos maternos y paternos, para elaborar caminos de experimentación artística mediada por lo oral y lo visual. En las historias contadas entre la familia, hay relatos de diferentes desplazamientos migratorios, que conectan Brasil, Paraguay y Argentina, siendo un tema que recorre esta producción de objeto artístico. La cual, además de la necesidad de una investigación teórico-práctica, implica una investigación de campo, realizada a través de conversaciones con abuelos paternos y abuela materna, recogiendo sus relatos como dispositivo de creación. Los recursos utilizados en el desarrollo de la parte práctica de esta investigación artística centrada en la mediación cultural se basaron en grabaciones de audio y registros escritos de la memoria de acciones. Todo ello generó el material editado que se encuentra en esta cartografía audiovisual afectiva que aquí se presenta.

Palabras-clave: Mediación Cultural; Historias de vida; Cartografía Afectiva; Investigación en Arte.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1	Dois letreiros de lojas nos quais aparece o sobrenome Sanabria	16
Figura 2	Primeira elaboração de ideias para esta pesquisa	16
Figura 3	Reelaboração a partir das conversas	19
Figura 4	Minha casa no ponto em azul, na comunidade Bom Fim	26
Figura 5	Piso e fogão a lenha da casa dos bisavós	30
Figura 6	Desenho de planta baixa	30
Figura 7	Planta baixa de memória	31
Figura 8	Corpo Território	33
Figura 9	Fronteiras Sobrepostas (capa)	35
Figura 10	Fronteiras Sobrepostas (interior)	36
Figura 11	Conversa sobre a história de vida da vó Uta e do vô Gaúcho	37
Figura 12	Informações citadas na conversa com a vó Guima e o vô Dail	38

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. PESQUISA EM ARTE EM CONTEXTO DE MEDIAÇÃO CULTURAL	10
2. POEMA NO FIM DA LINHA	25
3. PLANTA BAIXA DE MEMÓRIA	30
4. CORPO TERRITÓRIO	33
5. FRONTEIRAS SOBREPOSTAS	35
6. A VÓ UTA E O VÔ GAÚCHO	37
7. A VÓ GUIMA E O VÔ DAIL	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	40

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta o Memorial Descritivo que integra meu Trabalho de Conclusão de Curso na graduação em Mediação Cultural - Artes e Letras, na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Trata-se do resultado da elaboração de uma pesquisa acadêmica baseada na experimentação de possibilidades de expressão da linguagem artística. Como muitas pessoas na UNILA, me desloquei geograficamente de um lugar diferente em direção ao local onde a universidade se situa, o município paranaense de Foz do Iguaçu, na Tríplice Fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina.

Sou da comunidade Bom Fim, no município de Laguna Carapã, sudoeste do Estado do Mato Grosso do Sul, Centro-Oeste do Brasil. Minha família mora nesta região rural de fronteira seca com o Paraguai, logo ao lado da Fazenda Campanário, antiga Sede da Companhia Mate Laranjeira. Região historicamente disputada, envolvida na Guerra Contra o Paraguai e na exploração do ciclo da erva mate em territórios dos povos Guarani e Kaiowá. Questões geográficas e sociais que me alcançam gerando inquietações de uma maneira afetiva, uma vez que estou imerso nelas junto da história de vida de meus familiares.

A produção de objeto artístico neste contexto acadêmico parte da minha apreensão e apropriação do conceito de Mediação Cultural, a partir do qual compartilho o processo criativo [Árvore Genealógica Migrante](#)¹ em formato audiovisual. Por isso, começo apresentando as referências que contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa, recopiladas ao longo da graduação em Mediação Cultural - Artes e Letras. Por fim, apresento os vídeos junto de registros do desenvolvimento da pesquisa.

¹ RODRIGUES, Lucas G. *Árvore Genealógica Migrante: Uma Cartografia Afetiva Desde Histórias de Vida*. Youtube, 2023. Disponível em: https://youtube.com/playlist?list=PLMUjzYvuF5robxfuXsdufy_xsT4HQ7Wfi.

1. PESQUISA EM ARTE EM CONTEXTO DE MEDIAÇÃO CULTURAL

Em 2019, na disciplina de Mediação Cultural: Conceitos e Práticas, ministrada pelas Professoras Dras. Diana Araujo Pereira, Cristiane Checchia, Gabriela Canale Miola e pelo Professor Dr. Aníbal Orué Pozzo, realizamos em conjunto um exercício de elaboração do conceito de Mediação Cultural, o qual incorporamos ao Projeto Pedagógico do Curso, o “bacharelado interdisciplinar em Letras - Artes e Mediação Cultural (alterado, em 2021, para Mediação Cultural - Artes e Letras)” (PEREIRA, 2023, p. 25):

Para este bacharelado, a MEDIAÇÃO CULTURAL define-se como ação intencionada criativa, produtora e propositiva, cuja finalidade é intervir a favor da diminuição das assimetrias nos territórios, ocasionadas pelas relações de poder hegemônicas (verticais). Entendendo por território tanto os espaços físicos quanto os simbólicos, a mediação cultural visa gerir as relações entre sujeitos e culturas, intervindo no espaço como força instituinte, capaz de dar voz e visibilidade a grupos historicamente minoritarizados. A ação mediadora cria redes tecidas a partir da empatia e da sensibilidade, como forças agenciadoras para a convivência entre as diferenças, o que não significa desconhecer ou minimizar as assimetrias sociais, culturais e econômicas, assim como os tensionamentos que perpassam todos estes âmbitos. Além disso, potencializa a diversidade através da construção de uma sociabilidade baseada no respeito e na prevenção da violência entre grupos culturais e sociais. (PPC, 2020, p. 6-7).²

O desenvolvimento da presente pesquisa em arte acontece no contexto do curso e da perspectiva da Mediação Cultural, isto é, parte de referências interdisciplinares, uma vez que o curso possui:

caráter interdisciplinar e intercultural, com o objetivo de fomentar a capacitação de conhecimentos e competências voltadas para a compreensão dos saberes e fazeres heterogêneos do continente, com vistas à construção e à prática de políticas de gestão e mediação da cultura em sentido intercultural (PPC, 2020, p. 6).

Confluindo com o motivo da criação da própria Universidade da Integração Latino-Americana, que, segundo Pereira, em seu artigo “A UNILA em processo:

² UNILA. Projeto Pedagógico do curso de Mediação Cultural - Artes e Letras. Foz do Iguaçu, 2020. Disponível em: <https://portal.unila.edu.br/graduacao/mediacao-cultural-artes-letras/ppc>.

mediação como prática”, “nasce, portanto, como resposta à histórica demanda de uma integração regional que ultrapasse o âmbito meramente econômico” (2015, p. 103). Segundo a autora:

A UNILA, cujas bases político-pedagógicas estão estruturadas sobre o bilinguismo, a interdisciplinaridade e o projeto de integração latino-americana, requer de sua comunidade acadêmica um pensar contextualizado, que se alimente das dimensões culturais que fazem parte de nossa cotidianidade acadêmica e regional. A prática pedagógica exige, de seus atores, um grande esforço para a criação de relações que se estabeleçam sobre bases interculturais, como resposta à sua diversidade (PEREIRA, 2015, p. 102).

Partindo desta perspectiva para desenvolver a cartografia *Árvore Genealógica Migrante*, retomo questões básicas em relação à pesquisa que se dá como prática artística. No artigo “Processos artísticos como metodologia de pesquisa”, Lúcia Gouvêa Pimentel apresenta a realização de objeto artístico como geradora de processos que podem ser registrados e investigados (2015, p. 89). O que identifica como Pesquisa em Arte, ou seja, aquela a qual possui “como objeto uma ação em que @ próprio@ pesquisador@ está atuando” (2015, p. 90). Pimentel considera que este agenciamento “envolve experienciar tempos, espaços, materiais, pensamentos e acontecimentos, e que os processos artísticos são únicos em cada experiência” (2015, p. 89). Segundo Pimentel:

[...] Assim, o cuidado com o registro se complexifica, uma vez que há um hiato de tempo entre a observação e o registro, devendo este ser feito de várias maneiras: por meio de relatos escritos, anotação de planejamento e memória das ações, por gravação e filmagem, enfim, todas as formas que possam ser disponibilizadas para que os dados possam ser levantados com confiabilidade (2015, p. 90).

Esta noção de “experiência” passível de registro é definida pela autora (2015, p. 92) a partir de John Dewey (2010; 2011), para quem “a experiência é a interação do organismo com o ambiente”. Pimentel também apresenta considerações de Inês Loureiro sobre a experiência:

[...] A autora destaca um ponto importante da teoria de Foucault, que é a dimensão coletiva da experiência, citando: “Uma experiência é alguma coisa que se faz sozinho, mas que só se pode fazer plenamente na medida em que ela escapa à pura subjetividade e que outros possam, não digo exatamente retomá-la, mas ao menos cruzá-la e atravessá-la” (FOUCAULT, 1978/1980, p.866 apud LOUREIRO, 2015, p.31). (2015, p. 92).

Nesse sentido, recordo o objetivo deste trabalho, que é a criação artística a partir de encontros com meus avós, nos quais conversamos sobre suas histórias de vida. Esta primeira experiência gera registros de áudio, por meio da gravação das histórias orais de vida, além de registros escritos, ao anotar com caneta e papel dados específicos conversados, e desenhos feitos sobre um mapa, que demonstram as linhas de deslocamento migratório mencionadas. O que demonstra uma possível combinação entre oral e visual, portanto, indícios de um caminho estético começando a se formar. Relaciono isso com a referência sobre “experiência” que Pimentel faz a Dewey, quem “considera que só existe experiência completa se ela for estética (CORAZZA, s/d)” (2015, p. 92).

Processos artísticos requerem uma maneira adequada de registrá-los. Logo, quando surgem de uma perspectiva sobre o cotidiano que envolve ter conversas com pessoas da família, é preciso trabalhar com os elementos gerados por meio dessa experiência. Ou seja, com o repertório da memória de cada pessoa, bem como registros materiais do ato de documentar a conversa.

Também uso como referência o Projeto de Pesquisa Arte e Natureza, que toma a escuta como princípio artístico nas dinâmicas de percepção da Natureza. A escuta como ato de deixar-se tocar pelas manifestações do mundo, objetiva e subjetivamente, entregando-se à percepção de diferentes formas de escutar, através de todos os sentidos corporais e de discursos sociais. Escutar é deixar-se permear, é perceber os poros na fronteira entre o que é interno e externo, acolhendo em si a ocupação de outrem, legitimando sua existência e as ressonâncias das vozes que ecoam em nós. Ter o princípio da escuta como parte do processo artístico funciona como intensificador da percepção da natureza, preparando o corpo como um todo para a compreensão de como a natureza está presente dentro e fora dos corpos. Como no seguinte trecho define-se:

[...] A escuta é uma possibilidade de estar com, de criação compartilhada, de contato feito de tato e contágio, zona de comunicação semântica e não semântica, feita de sentido e de presença. Escutar a Natureza como princípio artístico é escolher criar com ela e não sobre ela (2019, p. 5).

Nesse caso, criar é um modo de pensar junto com a Natureza, elaborando articulações qualitativas, refletindo de forma incorporada ao processo de criação artística. “O saber, nessa perspectiva, nasce da experiência e está voltado à ela de forma localizada” (2019, p. 6), sendo uma metodologia de pesquisa que é apontada no seguinte trecho do projeto:

[...] Tendo a experiência como campo de saber, os limites entre pesquisador e objeto pesquisado se fundem, dando lugar a uma trama de relações. A arte se torna o lugar no qual a pesquisa é vivenciada, corporificada e processada tanto pelo pesquisador, quanto pelo leitor (2019, p. 11-12).

Como parte das atividades do Arte e Natureza, pesquisei a paisagem com a qual eu convivo e que aparece nos meus sonhos. A ideia era observar a estética das imagens sonhadas e ilustrá-las por meio da experimentação com técnicas de desenho, pintura, etc. O sonho como mais uma dimensão da vida, integrado à realidade como pulsão transformadora, como fonte que instrumentaliza a análise e ação cotidiana, pode ser visto no método de análise sociológica que Silvia Rivera Cusicanqui pratica como parte de uma “artesania intelectual”. Batizada por ela mesma de “Sociología de la imagen”, segundo a autora, em entrevista concedida para o El Salto em 2019, esta é uma forma de redefinir o papel da visualidade em relação a dominação, também servindo como forma de resistência. Para Cusicanqui:

[...] Se trata de descolonizar la conciencia propia, superar el oculo-centrismo occidental y convertir la mirada en parte de una experiencia completa, orgánica, que implique los otros sentidos también, como el olfato o el tacto. Es decir, reintegrar la mirada al cuerpo (2019).

A autora fundamenta sua abordagem de descolonização do olhar a partir da noção de “integralidad de la experiencia del habitar”, liberando a visualização das ataduras da linguagem, de modo a “reactualizar la memoria de la experiencia como un todo indisoluble, en el que se funden los sentidos corporales y mentales” (2015, p. 22-23).

Nesse sentido, procurei entender como o corpo que sou pode estar ligado à prática artística e recordei uma atividade feita na disciplina de Genealogia das Artes ministrada pela professora Miola em 2017, no primeiro semestre do curso de Mediação Cultural. Na ocasião ela propôs que fizéssemos a genealogia de nossos próprios nomes e sobrenomes, assim, evidenciando a relação destes com a territorialidade através da genealogia. Recordei as histórias contadas entre a família de que meu bisavô materno migrou do Rio Grande do Sul para o Mato Grosso, antes da divisão do estado e que, quando seu filho nasceu, o sobrenome Gauchinho foi inventado e posto nele, no Olímpio da Silva Gauchinho, o meu avô materno, “porque não se enganem, são os nomes que nos escolhem” (PEREIRA, 2008, p. 13).

Recordei o fato abordado por Edmundo O’Gorman que é “o processo mediante o qual a América foi inventada”, como apresentado pela Professora Dra. Diana Araujo Pereira na disciplina de Invenção da América, em 2017. No livro “A Invenção da América: reflexão a respeito da estrutura histórica do Novo Mundo e do sentido do seu devir”, O’Gorman explica “como ocorreu o seu aparecimento no seio da cultura e da história” (1992, p. 178), “como o resultado de um complexo processo ideológico que acabou, através de uma série de tentativas e hipóteses, por atribuir-lhes um sentido peculiar e próprio” (1992, p. 178-179). Segundo Rodrigo de Moraes Guerra:

[...] a América, portanto, não à toa, é uma invenção europeia e, sendo assim, é despojada de toda a sua “americanidade original” - e conceituada de acordo com os interesses europeus para com aquela porção de terras, aquele novo continente (2020, p. 3).

Também recordei a disciplina de Literatura da Comarca Caribenha, ministrada pela Professora Diana no mesmo ano de 2017, pois nesta disciplina vimos que, segundo Carlos Walter Porto-Gonçalves, [...] “En la lengua del pueblo kuna, Abya

Yala significa “tierra madura”, “tierra viva” o “tierra en florecimiento” y es sinónimo de América”. Segundo o autor, “es esa denominación de Abya Yala que se viene usando como una autodesignación de los pueblos originarios del continente en contraposición a América” (2011, p. 39). Ou seja:

Abya Yala se posiciona así como un atractor en torno al que otro sistema puede configurarse. Eso es lo que los pueblos originarios están proponiendo con ese otro léxico político. No olvidemos que dar nombre propio es apropiarse. Es hacer propio un espacio a través de los nombres que se atribuyen a ríos, montañas, bosques, lagos, animales y plantas; por ese medio, un grupo social se constituye como tal, constituyendo sus mundos de vida, sus mundos de significación y convirtiendo un espacio en su espacio: un territorio. El lenguaje territorializa y, de esa manera, se revela una tensión de territorialidades entre América y Abya Yala (GONÇALVES, 2011, p. 45).

Assim como na invenção do sobrenome “Gauchinho”, estes nomes sendo “representações não surgem subitamente no campo social, mas resultam de jogos de força bastante complexos, envolvendo combinações e enfrentamentos que a todo tempo se alteram” (GONDAR, 2005, p. 23). Segundo Gondar:

[...] uma representação coletiva ou social é algo mais que uma ideia genérica e instituída que se impõe a nós: todas as representações são inventadas e somos nós que as inventamos, valendo-nos de uma novidade que nos afeta e de nossa aposta em caminhos possíveis (GONDAR, 2005, p. 25).

Comecei refletindo sobre a presença da cultura gaúcha na minha família, mas segui encontrando outros elementos culturais no nosso cotidiano, como tomar tereré, o que me direcionou a outra origem geográfica, o Paraguai. Histórias sobre migrações sempre foram contadas pelas pessoas mais velhas, minha avó materna, Edulfa Sanábria Gauchinho, conta que nasceu em Zanja Pytá, um município do Departamento de Amambay no Paraguai, e que sua família fugiu da guerra entre o Partido Colorado e o Liberal pelo poder de governar o país, fatos que contribuíram com a experimentação artística nesta pesquisa.

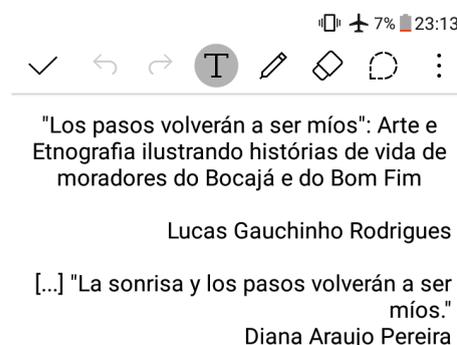
Em 2019, apresentei no projeto Arte e Natureza a intenção de utilizar a linguagem artística para criar uma árvore genealógica da família, de forma a demonstrar os deslocamentos migratórios existentes nela. A Professora Canale me orientou a pesquisar o conceito de “Cartografia Afetiva”, o que contribuiu para o desenvolvimento deste processo artístico, que envolve minha história de vida, imersa na história coletiva de migrações na família. Em dezembro de 2019, durante a visita técnica do curso de Mediação Cultural realizada em Assunção, fotografei a imagem na figura 1, na qual aparece o sobrenome “Sanábria” em dois letreiros de lojas de instrumentos musicais. No ônibus, viajando de volta a Foz do Iguaçu, escrevi a primeira sistematização de ideias para esta pesquisa, mostrada na figura 2, e que se trata de uma busca por saber mais das histórias que compõem minhas famílias materna e paterna.

Figura 1: Dois letreiros de lojas nos quais aparece o sobrenome Sanabria, em Assunção.



Fonte: Acervo do autor, 2019.

Figura 2: Primeira elaboração de ideias para esta pesquisa.



Fonte: Acervo do autor, 2019.

A motivação para fazer este trabalho veio a partir de 22 de agosto de 2017, com o falecimento do vô Gaúcho, meu avô materno, Olímpio da Silva Gauchinho, uma biblioteca viva que só se pode acessar em memórias de pessoas que aqui continuam. Iniciei a pesquisa de campo realizando “Conversas Gerais” com meus avós maternos e paternos, para apresentar a pesquisa, pedir permissão para gravação e uso das informações e para um primeiro acercamento às memórias sobre as histórias de vida de pessoas de diferentes gerações da família.

Fazendo o registro em gravação de áudio, em 26 de janeiro de 2020 conversei com pessoas da família materna e em 28 de janeiro com pessoas da família paterna. Nestes momentos haviam outras pessoas além da avó materna e dos avós paternos, o que contribuiu para conversas descontraídas e fluidas, pois cada pessoa que se pronunciava foi dinamizando a conversa com suas perguntas e memórias, desencadeando mais perguntas e memórias nos outros ao redor.

A partir desta primeira etapa elaborei um questionário semiestruturado, para realizar uma segunda rodada de conversas, as “Conversas Objetivas”. Começando com dados de identificação dos avôs e avós, como nome, data e local de nascimento, nomes dos seus pais e avós, além de memórias de suas histórias de vida, como infância, modo de vida, lugares onde viveram, casamentos, nascimentos de filhos, visão do momento atual e expectativas de futuro.

Em 7 de fevereiro de 2020 na comunidade Bocajá, junto com sua filha, Jussimara Sanábria Gauchinho, conversei com a avó materna, Edufa Sanábria Gauchinho. Ela contou sobre sua própria história de vida e também a do vô Gaúcho. A história de vida dela, que está bem viva e pode rememorar, ficou bem mais cheia de informações do que a do vô Gaúcho, de quem consegui dados mais básicos.

Em 19 de fevereiro de 2020 na comunidade Bom Fim, conversei com pessoas da família paterna, principalmente com a avó Guiomar Córdoba Alves e com o avô Adail Rodrigues Chaves. Nesse ponto, ter encontros com meus familiares para escutar suas histórias de vida me recordou o apontamento de Elizabeth Jelin de que:

Hay un plano en que la relación entre memoria e identidad es casi banal, y sin embargo importante como punto de partida para la reflexión: el núcleo de cualquier identidad individual o grupal está ligado a un sentido de permanencia (de ser uno mismo, de mismidad)

a lo largo del tiempo y del espacio. Poder recordar y rememorar algo del propio pasado es lo que sostiene la identidad (Gillis, 1994). (2001, p. 7).

Além disso, a memória é algo que construímos a partir das nossas relações sociais (GONDAR, 2005, p. 18), como posto por Jelin:

[...] Las memorias son simultáneamente individuales y sociales, ya que en la medida en que las palabras y la comunidad de discurso son colectivas, la experiencia también lo es. Las vivencias individuales no se transforman en experiencias con sentido sin la presencia de discursos culturales, y éstos son siempre colectivos. A su vez, la experiencia y la memoria individuales no existen en sí, sino que se manifiestan y se tornan colectivas en el acto de compartir. O sea, la experiencia individual construye comunidad en el acto narrativo compartido, en el narrar y el escuchar (2001, p. 16-17).

As conversas com ambas famílias, materna e paterna, foram registradas em gravação de áudio e anotações escritas, e geraram as informações contidas na figura 3: a reformulação da pesquisa em uma frase, uma árvore genealógica das famílias paterna e materna, um mapa esboçando os deslocamentos migratórios citados nas conversas e a presença de vazios de memória que deixam lacunas.

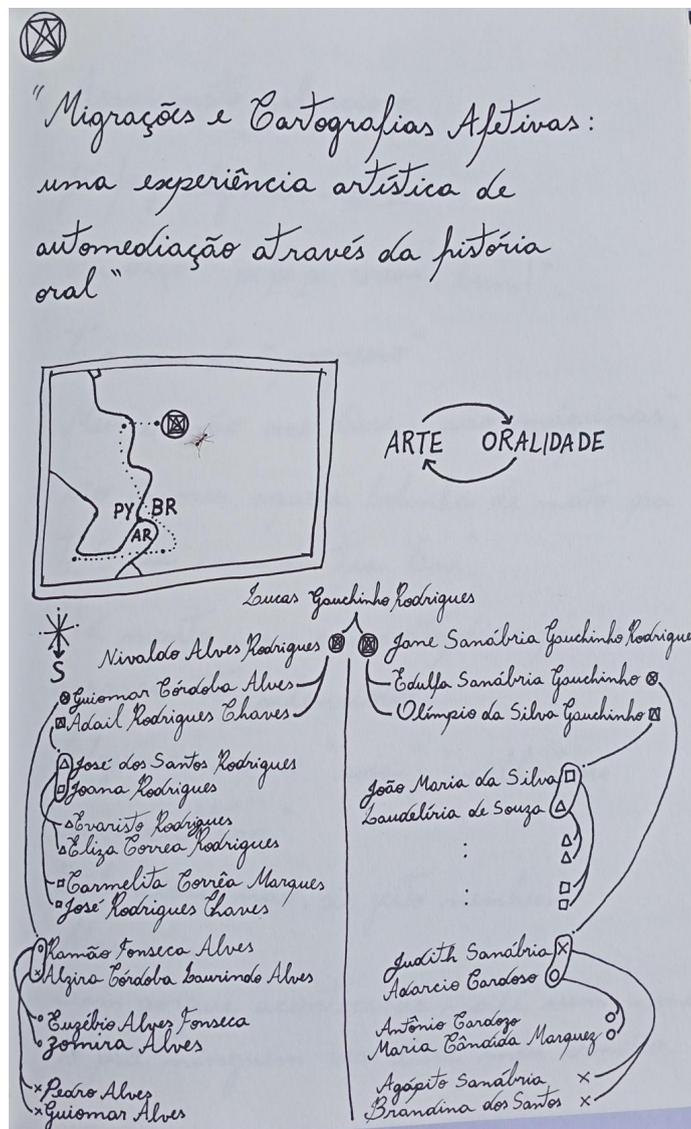
Perpassar essas etapas é importante para observar quais detalhes a pesquisa artística evidencia, ou seja, quais processos se dão e que elementos são gerados a partir deles, em suma, demandas metodológicas. Pimentel considera que método:

[...] é regra ou procedimento a ser seguido, com vistas à obtenção de um “bom” resultado. O método é aplicado e não supõe necessariamente o conhecimento de seus princípios por parte do usuário, mas sim a realização de sequências de ações ou fórmulas, cuja aplicação deve levar a um resultado pretendido. O método, portanto, tem limitações quanto à possibilidade de criação (2015, p. 95).

Delimitar procedimentos é algo significativo quando se parte da interlocução com uma fonte tão complexa como a história de vida de uma pessoa. Nesse sentido, apresento o artigo de Luciano Bedin da Costa, “Cartografia: uma outra

forma de pesquisar”, no qual considera que o procedimento cartográfico “pode ser utilizado em toda e qualquer realidade onde o pesquisador queira acompanhar um processo” (2014, p. 70). O autor indica que a cartografia enfatiza processos e não objetivos, conclui tratar-se de ações que criam mundos e que “todo cartógrafo é um artista” (2014, p. 66). Sendo que a condição para cartografar é “estar num território” (2014, p. 69), acredito que o presente trabalho acontece mediado por territórios subjetivos, afetivos, estéticos, sociais e históricos. Segundo Costa, entendendo-o como agenciador de processos, pode-se definir “o cartógrafo enquanto criador de realidade, um compositor, aquele que com/põe na medida em que cartografa” (2014, p. 70).

Figura 3: Reelaboração a partir das conversas.



Fonte: Acervo do autor, 2020.

Encontro algumas referências de práticas artísticas cartográficas contemporâneas no artigo “Mapas abertos, espaços experimentais em cartografias de artistas”, de Eduarda Gonçalves e Ana Júlia Vilela do Carmo. Nesse caso, a “cartografia denotaria uma carta gráfica, não propriamente uma carta desenhada, uma vez que o verbo *graphein* significa simultaneamente escrever, desenhar e pintar” (2017, p. 582). Com a Arte Contemporânea, segundo Gonçalves e Carmo:

Os artistas assumem a posição de cartógrafos a fim de utilizar a linguagem expressiva dos mapas - suas brechas, dando a ver modos distintos de reconfigurar nossa relação com o espaço, tendo em vista o questionamento do próprio modo de cartografar (2017, p. 582).

Refletindo minha ligação com o espaço geográfico, entre os anos de 2019 e 2021 participei do Projeto de Pesquisa Arte e Natureza: Poéticas e Pedagogias da Mãe Terra, orientado pelas Professoras Dras. Gabriela Canale Miola e Angelene Lazzareti na UNILA. Uma das referências do projeto é a “a/r/tografia” de Rita Irwin, uma abordagem que encontra no fazer artístico as bases para se desenvolver uma pesquisa. Neste contexto, a professora Miola me indicou a Cartografia Afetiva como um meio para realizar processos criativos que se localizam através do afeto.

No caso desta pesquisa, utilizei a Cartografia Afetiva, que, segundo Juliana Cristina Pereira, “seria o mapeamento de um ou vários afetos construídos” (2014, p. 108). Em março de 2020, na disciplina de Introdução ao Trabalho de Conclusão de Curso, apresentei esta ideia de cartografia afetiva como projeto de pesquisa, a Professora Dra. Cristiane Checchia sugeriu pesquisar o trabalho do Museu da Pessoa. No qual encontrei contribuições conceituais e práticas para trabalhar com memória oral e história de vida neste processo criativo.

Orientando no segundo capítulo, “Como fazer um projeto de memória oral”, no ano de 2006 o Museu da Pessoa publicou o livro “História falada: memória, rede e mudança social”. Nele há informação de como conduzir a conversa, iniciando com “perguntas simples e objetivas para deixar o entrevistado à vontade e ajudá-lo a mergulhar em suas memórias” (2006, p. 219). Também é preciso pensar o encadeamento dos assuntos para que a conversa flua de modo a construir uma visão mais ampla do que se pretende pesquisar. Um exemplo de encadeamento dado, que é o cronológico, utilizei em relação aos espaços que as pessoas em

questão percorreram ao longo do tempo, e qual era sua realidade estando em determinado lugar. Nesse caso, pode-se dividir um roteiro de três grandes blocos, apresentado da seguinte forma:

Introdução: origem da pessoa, pais, avós, infância. Desenvolvimento: fases e acontecimentos da sua trajetória, incluindo, se for o caso, o tema específico do projeto. Finalização: ponte para o presente e futuro, sonhos e avaliação a experiência de contar sua história. (2006, p. 219).

Considero o trabalho do Museu da Pessoa, que acredita no poder de compartilhar a experiência humana, ao ressaltar a escuta de histórias de vida como fonte de recursos para esta cartografia. Utilizo a complementaridade entre dois elementos para explorar suas contribuições neste processo de criação. A “cartografia”, como metodologia para o acompanhamento do processo, segundo Luciano Bedin da Costa, em “Cartografia: uma outra forma de pesquisar”. E a noção de “história oral de vida”, apresentada em “História falada: memória, rede e mudança social”, publicação coordenada por Karen Worcman, fundadora do Museu da Pessoa. Justificando esta pesquisa na “importância das histórias orais de vida e de sua divulgação por meios modernos de comunicação, como a internet, para a construção de uma maneira mais democrática de pensar e fazer a história humana” (ALQUÉRES, 2006, p. 3). Divulgação esta que se dá, primeiro, no encontro entre diferentes gerações da família ao compartilharem suas histórias e perspectivas.

Apropriar-se das histórias de vida como disparadoras neste processo artístico é concordar com Paul Thompson, de que “nunca se deve subestimar o poder do compartilhamento da experiência humana”. Frase que, segundo Hubert Alquérez, o pioneiro em história oral disse no seminário “Memória, rede e mudança social”, promovido pelo Museu da Pessoa em agosto de 2003. Segundo Karen Worcman, diretora do museu, este tem por objetivo “um mundo onde a tecnologia possa ser utilizada para articular as narrativas e incentivar cada pessoa, grupo ou comunidade a ser autor de sua história - própria e coletiva” (2006, p. 10).

Isto implica trabalhar com a memória “entendida no sentido original do termo, ou seja, tudo aquilo que uma pessoa retém na mente como resultado de suas experiências”. Worcman aponta a seletividade da memória e considera que “não é um depósito de tudo que nos acontece, mas um acervo de situações marcantes”.

Ademais, segundo ela, a história é a “narrativa que articulamos a partir dos registros da memória”, ou seja, “toda história é uma articulação de passagens que ficaram marcadas” (2006, p. 10).

Na disciplina de História e Memória, em 2020, a Professora Dra. Giane da Silva Mariano Lessa apresentou a memória social, um conceito ético e político com o qual o “recordar, nesse caso, não é somente interpretar, no presente, o já vivido; a escolha sobre o que vale ou não ser recordado funciona como um penhor, diz respeito ao futuro”. Ou seja, “uma lembrança ou um documento jamais é inócuo: eles resultam de uma montagem”, e “essa montagem é intencional e se destina ao porvir” (GONDAR, 2005, p. 18).

Pode-se salientar a intencionalidade na montagem desta pesquisa em arte, apresentando o artigo “As Raízes da Resistência”, de Carlos Fioravanti e que foi capa da revista Pesquisa FAPESP na edição de outubro de 2015, intitulada “O Medo do Estrangeiro”. Uma das referências de Fioravanti é o artigo “Rotatividade migratória: um novo olhar para as migrações internas no Brasil” de Rosana Baeninger, que é integrante do Núcleo de Estudos de População (Nepo) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Segundo Baeninger, “desde o final do século XIX criou-se a ideia de que o imigrante para ser aceito, teria que ser branco e europeu”. Adicionando-se a este contexto, vem “a onda migratória dos últimos 10 anos - formada por bolivianos, peruanos e outros povos latinos, aos quais se somaram haitianos, senegaleses e congolezes, a partir de 2010”. Para Baeninger:

[...] o distanciamento do padrão histórico europeu, a ausência de uma necessidade explícita da mão de obra estrangeira e a escassez de políticas públicas locais, estaduais e federais que promovam a interação social dos imigrantes do século XXI geram o que ela chama de “distanciamento em relação ao outro” e as reações de hostilidade (BAENINGER, 2012 apud FIORAVANTI, 2015, p.18).

Em contraponto a este horizonte indesejável, Fioravanti faz referência a Camila Baraldi, da Coordenação de Políticas para Imigrantes (CPMig):

Em seu doutorado, concluído em 2014 na USP, ela argumentou que a cidadania sul-americana está em construção e “poderia vir a ser uma cidadania fundada no paradigma da mobilidade” (FIORAVANTI, 2015, p.23).

Acredito que ter as linguagens artísticas como forma para compartilhar as histórias de vida que foram ouvidas nesta pesquisa e que envolvem migrações de pessoas de diferentes gerações da família seja uma forma não só de representar memórias de um coletivo familiar, mas de criar outras percepções, novas memórias, orais e visuais, lançando mão do “que nos afeta e de nossa aposta em caminhos possíveis” (GONDAR, 2005, p. 25). Ou seja, segundo Gondar:

Conceber a memória como processo não significa excluir dele as representações coletivas, mas de fato, nele incluir a invenção e a produção do novo. Não haveria memória sem criação: seu caráter repetidor seria indissociável de sua atividade criativa (GONDAR, 2005, p. 26).

Uma vez que esta pesquisa em arte parte da perspectiva da Mediação Cultural, relaciono a colocação de Gondar com uma referência a Garcia Canclini, feita por Diana Araujo Pereira, em “Mediação Cultural na América Latina: Utopias em curso”, pois, segundo Canclini:

La tarea del arte no es darle un relato a la sociedad para organizar su diversidad, sino valorizar lo inminente donde el disenso es posible. Además de ofrecer iconografías para la convivencia o manifiestos para las rupturas, los artistas pueden participar simbolizando, reimaginando los desacuerdos. [...] Quizás haya una ética para esta estética sin relato (CANCLINI, 2010, apud PEREIRA, 2023, p.124).

Esta pesquisa acontece em contato entre pessoas, entre o que cada uma sabe e pode contar, é diferente de buscar respostas em arquivos, ela precisa acontecer no encontro, entre o repertório de memórias que cada um possui em seu próprio corpo e que pode transmiti-lo através de uma conversa. Considero, então, a escuta das histórias de vida de meus avós como uma relação entre performance e memória, a partir da colocação de Diana Taylor:

As performances funcionam como atos de transferência vitais, transmitindo o conhecimento, a memória e um sentido de identidade social por meio do que Richard Schechner denomina “comportamento reiterado” (2013, p. 27).

Sendo, nesse caso, a própria conversa entre familiares um comportamento do cotidiano feito como pesquisa de campo. Um tipo de pesquisa que é próprio da Etnografia, um método de estudo antropológico que prioriza o encontro interpessoal entre quem pesquisa e as pessoas no espaço a ser abordado. Em “O trabalho do antropólogo”, Roberto Cardoso de Oliveira apresenta no primeiro capítulo as “etapas mais estratégicas da produção do conhecimento antropológico” (2000, p. 12): os atos cognitivos de olhar, ouvir e escrever. Enquanto os dois primeiros referem-se ao disciplinamento antropológico da percepção do pesquisador em campo, segundo Oliveira, o terceiro “exercitar-se-á da forma mais cabal, como produtor de um discurso que seja tão criativo como próprio das ciências voltadas à construção da teoria social” (2000, p. 18). No caso da presente pesquisa, através de linguagens artísticas em meio acadêmico.

Na disciplina de Teorias e Práticas da Etnografia, em 2019, a Professora Dra. Angela Maria de Souza apresentou a Autoetnografia como uma forma de pesquisa antropológica, em que o/a próprio/a autor/a é uma fonte de interlocução e coleta de informações para, então, fazer sua elaboração analítica. No artigo “O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios”, Silvio Matheus Alves Santos faz “o uso da memória do Autor, da sua própria experiência vivida, como fonte para descrever a experiência de um trabalhador negro”. Utilizando suas memórias em contraste com o presente do momento em que pesquisa, o mesmo adquire “o estatuto de objeto de observação” (2017, p. 215).

Na disciplina de Mediação Cultural: Conceitos e Práticas, em 2019, a Professora Dra. Diana Araujo Pereira apresentou a proposta metodológica da “automediação”, a partir de seu ensaio “Escritas de si: sobre alteridades e mediações”. Ela defende que, a “auto-mediação, como prática reflexiva, precisa ser exercida entre a subjetividade do/a pesquisador/a e a objetividade do seu contexto histórico, político, social”. Sendo utilizada no “entretecer de elementos internos e externos”, por meio de uma “tecnologia vinculante” (2018, p. 43), como a escrita, por exemplo. Em seu ensaio, compreende que a escrita de si é:

[...] como um exercício da linguagem posta em ação mediadora (ligada ao “giro antropológico” da literatura), entre os âmbitos internos e externos de quem escreve, conferindo à ficção e à poesia importância e profundidade epistemológicas (2018, p. 43).

2. POEMA NO FIM DA LINHA

Na presente pesquisa utilizo recursos dentro das linguagens artísticas para materializar a *Árvore Genealógica Migrante*, uma obra artística que retrata minha genealogia familiar a partir do modelo de árvore genealógica por ramificação, combinada à perspectiva dos deslocamentos migratórios de pessoas de diferentes gerações. Primeiro, realizando conversas mais descontraídas sobre o assunto, apresentando o tema da pesquisa, depois, conversas com perguntas mais objetivas sobre o tema, o que gerou um material gravado em áudio e anotações escritas.

Quando meus familiares contaram suas histórias de vida, escutei as histórias que deram forma a minha própria. As conversas tomaram formas fluidas, ora dissonantes, ora concatenadas em cataratas de memórias, nas quais uma pessoa comentava uma lembrança e provocava uma relembração em outra pessoa, que, por sua vez, comentava sua própria perspectiva, dando seguimento à conversa. É nesse entretecer de memórias compartilhadas que este processo artístico encontra sua vitalidade. Pois é viabilizado pela performance do encontro entre repertórios de registros vivos: as pessoas que compõem a memória social de uma comunidade familiar.

Esta pesquisa parte da escuta das histórias de vida de meus avós, para elaborar materiais e técnicas como dispositivo para a criação de uma cartografia afetiva. As conversas foram feitas de forma presencial quando estive em casa no Mato Grosso do Sul, em janeiro de 2020, na etapa do “olhar” e “ouvir” da pesquisa. A parte do “escrever”, ou seja, da elaboração desta pesquisa em arte a partir das duas anteriores, foi feita na minha casa em Foz do Iguaçu, no Paraná, onde escrevi os poemas a seguir sob pontos de vista nesse deslocamento migratório:

CAVALO-MARINHO

Vivendo na sua crina

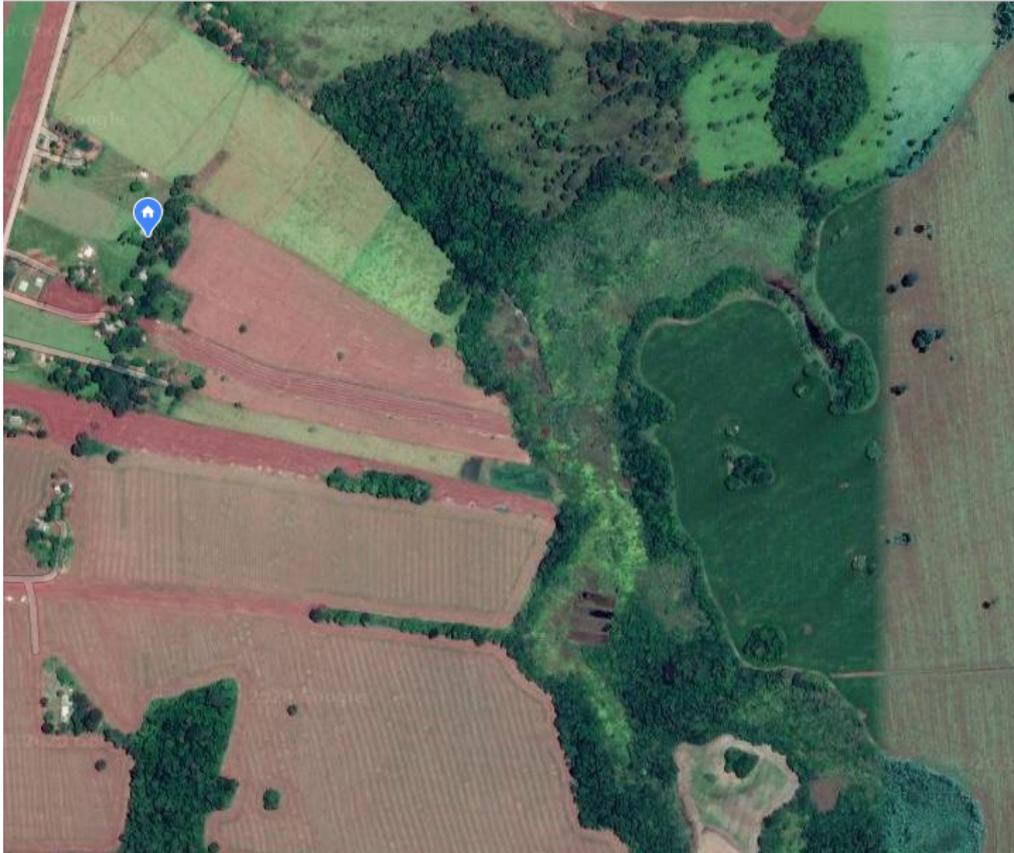
Bebendo de seu

Brejo coração

Na figura 4, a região do Bom Fim onde moro. Visto da perspectiva de satélite do Google Maps, o Bom Fim forma uma colcha de retalhos, feita de resquícios de mata nativa entremeados nas lavouras de monocultivo e pastos para gado. A vista

parece formar a figura de um cavalo-marinho, que tem minha casa nos resquícios de sua “crina”, à esquerda, e que tem a fronteira das terras da Fazenda Campanário bem na sua frente, à direita.

Figura 4: Minha casa no ponto em azul, na comunidade Bom Fim.



Fonte: Google Maps, 2022.

POEMA NO FIM DA LINHA

Ritmado na cadência
Vai fluindo a voar
Aterrizo pé na Terra
Corro rio de volta ao lar
Vai banhando territórios
E no mar vai desaguar
Essa linha dentre muitas
Mais mil teias vai formar
As fronteiras sobrepostas
Mil histórias a contar
Abra os olhos cada passo
No tempo a perambular
Guerra no erval agora
Faz o ermo retumbar
Vai contando sua história
A memória do lugar

Este poema contém informações acerca do formato de apresentação desta cartografia, uma vez que esta transita entre o áudio e o visual. O primeiro verso se refere ao vídeo de [Abertura](#)³, “Ritmado na cadência” do audiovisual, se inicia uma clássica contagem regressiva de filme de cinema, na qual áudio e vídeo se harmonizam em um ritmo próprio. Isto, utilizando os diferentes tipos de Montagem Cinematográfica, a narrativa, discursiva e por correspondência, a partir da “Estética da Montagem”, de Vincent Amiel, que foram apresentadas pelo Professor Dr. Pablo Souza de Villavicencio na disciplina de Montagem em Artes Visuais, em 2020. Segundo Amiel, a Montagem Narrativa “consiste em ligar os planos entre si, em dar a cada um deles um equilíbrio tal que só possam ser considerados e compreendidos na continuidade da sua sucessão” (2007, p.22). Para o autor, “existe uma outra forma de montagem que, não procedendo de forma mimética, tenta demonstrar relações e organizar significações que não são óbvias” (2007, p.49), esta é a Montagem Discursiva. Já na Montagem de Correspondências, Amiel considera que,

³ RODRIGUES, Lucas G. Vinheta de abertura. Youtube, 2023. Disponível em: https://youtu.be/4sQwBcpCA_Y.

“semelhante ao músico e ao poeta, o cineasta-montador propõe uma forma mais ou menos nova, sem que nenhuma sanção, em termos de significação ou de inteligibilidade, possa vir qualificar o resultado” (2007, p.77).

Enquanto no vídeo aparece uma contagem regressiva, no áudio utilizo trechos de uma versão instrumental da música “Countdown”, do álbum “4”, que a cantora e compositora estadunidense, Beyoncé, lançou em 2011. Além de um trecho da música “Um corpo no mundo”, do álbum de mesmo nome, que a cantora e compositora baiana, Luedji Luna, lançou em 2017. Ao final deste primeiro vídeo, Luedji canta o trecho, “um Sol da América do Sul me guia”, já indicando as coordenadas que virão à sequência.

O vídeo de [Introdução](#)⁴ é referência aos versos “Vai fluindo a voar”, pois inicia atravessando o espaço sideral, ao som da música “Introdução”, do álbum “Maré sem fim”, que o harpista e compositor japonês, Tomoyuki Asakawa, lançou em 1993. Enquanto que o verso “Aterrizo pé na Terra” vai localizando o planeta na poética deste trabalho. O vídeo que utilizei na montagem deste vídeo de introdução tem sua fonte desconhecida por esta pesquisa, mesmo depois de uma longa busca.

“Corro rio de volta ao lar” é a minha interferência no direcionamento do vídeo [Poema no fim da linha](#)⁵ no qual este poema está. Utilizei a ferramenta do celular para gravar a tela, enquanto mostro no Google Maps a região de onde sou, o Bom Fim. Neste vídeo aparece o primeiro poema, pois é o meu primeiro lugar de significação do mundo, a partir do qual me entrelaço e me contextualizo em uma grande teia de histórias já em andamento.

ANDANÇA

Linha sobre outra

Brejo preto

Terra vermelha

Assim como na minha casa no Bom Fim, em Foz do Iguaçu moro próximo a um brejo, no bairro Jardim Universitário, onde tem terra preta e terra vermelha por perto.

⁴ RODRIGUES, Lucas G. Introdução - Árvore Genealógica Migrante: Uma Cartografia Afetiva Desde Histórias de Vida. Youtube, 2023. Disponível em: https://youtu.be/h4rsZyZh_pM.

⁵ _____. Poema no fim da linha. Youtube, 2023. Disponível em: <https://youtu.be/hwWMK1dJfV8>.

AS OITO FORMAS DE SE EXISTIR SEM TEMPO

Minha vida são as músicas da Concha Buika
Eu tenho olhos em cada pedacinho do corpo
Pelas formas da luz ando por sobre tudo
No calor colorido do cometa sonhei mil anos
Cada grão de poeira é minha casa natural
Cada passo que dou é imaginação ao vento
Numa gota de mar revivi todos os seres
Me reconheci no fim vida morte no mundo

A densidade de informações que cada momento da vida oferece nos conecta aos outros como em uma grande teia de nós, é aí quando a imaginação vai criando conexões. O que me conecta ao espaço é meu lugar entre minha família, nossas histórias de vida começam e terminam, mas sempre interligadas aos outros. Por isso, esta pesquisa segue os rastros das migrações de pessoas da família, buscando na memória social e na linguagem artística recursos que possibilitem o vislumbre da teia formada por nossas histórias de vida. Ao me deparar com tal teia, encontrei pontos de tensão em relação ao território em que nasci, disputas que vêm desde o período colonial e que são o pano de fundo das histórias de vida aqui apresentadas.

3. PLANTA BAIXA DE MEMÓRIA

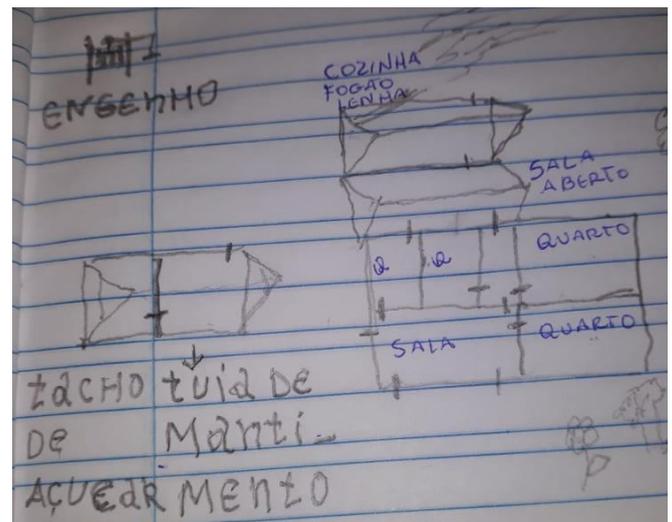
O elemento “distância” foi uma certeza a partir do ano de 2020, quando a pandemia de covid-19 foi reconhecida no Brasil e o distanciamento social era uma medida sanitária de contenção do vírus. O que busquei incorporar ao processo, pedindo ajuda via plataformas digitais para que meus pais, Jane Sanábria Gauchinho Rodrigues e Nivaldo Alves Rodrigues, desenhasssem a planta baixa da casa dos bisavós Joana Rodrigues e José dos Santos Rodrigues. Na figura 5, apenas os fundamentos e o fogão a lenha desta casa restam visíveis, mas com essa ajuda da memória de quem viu a casa ainda em pé, foi possível acessar como ela era. Minha mãe sempre desenha a planta baixa de alguma ideia de reforma que quer fazer, o desenho com a planta baixa da casa dos bisavós paternos está na figura 6.

Figura 5: Piso e fogão a lenha da casa dos bisavós.



Fonte: Acervo do autor, 2021.

Figura 6: Desenho da planta baixa.



Fonte: Acervo do autor, 2021.

O primeiro vídeo com título [Planta baixa de memória](#)⁶ mostra o início do processo criativo, já o resultado é apresentado no segundo vídeo também com título [Planta baixa de memória](#)⁷. Esta obra junta memórias das duas partes da família, materna e paterna, para “desenhar” a planta baixa da casa dos bisavós paternos, no Bom Fim. Utilizando uma técnica de fazer bolinhas de látex, que aprendi como brincadeira de criança na casa dos avós maternos, no Bocajá. Como mostra a figura 7, coleí estas bolinhas sobre uma folha de papel reciclado que produzi no formato da folha da mesma árvore de Ficus elastica, já o papel de que é feita vem de um caderno meu de Ciências, da quinta série, guardado desde 2006. Por isso, esta obra também se compõe da memória escolar de ensino fundamental que está contida no ato de colar bolinhas coloridas de papel crepom sobre linhas que formam desenhos específicos, nesse caso, sobre as linhas da planta baixa da casa dos bisavós paternos.

Figura 7: Planta baixa de memória.



Fonte: Acervo do autor, 2022.

⁶ RODRIGUES, Lucas G. Planta baixa de memória ¹. Youtube, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-xNhtKDPsfg&feature=youtu.be>.

⁷ _____. Planta baixa de memória ². Youtube, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0-8FteoGTIM>.

A tapera dos meus bisavós paternos, mesmo restando só o piso antigo e com mato brotando do fogão a lenha, é um rastro de memória situado no espaço, sendo "a personificação do espaço geográfico, como um protagonista que "revela" e "indica" o modo de intervenção consciente na construção da história" (PEREIRA, 2017, p. 126). Recorrendo aos restos da casa como elemento significativo a partir da afetividade dentro desta pesquisa, estou tomando a Cartografia Afetiva como meio para a criação de mapas que localizam as histórias de vida compartilhadas nas conversas. Ou seja, trata-se de um mapeamento de afetos, retomando a colocação de Worcman de que "toda história é uma articulação de passagens que ficaram marcadas" (2006, p. 10). Dessa forma, pode-se perceber que "o território também provê outra intervenção possível: a que se dá no nível da subjetividade, expressada através dos relatos e das imagens que circulam e alteram a paisagem de qualquer território" (PEREIRA, 2017, p. 126).

4. CORPO TERRITÓRIO

A obra *Corpo Território*⁸ é uma escultura, um vaso de terra vermelha coberto com pedaços de terra vermelha rachada, que coletei com Leomar da Silva Pinto do chão molhado pela chuva e ressecado pelo sol. Editei digitalmente a fotografia da escultura, para minha mão aparecer segurando um ramo de erva mate, o resultado está na figura 8.

Figura 8: Corpo Território.



Fonte: Acervo do autor, 2022.

Na região onde nasci, a relação entre corpo, memória e território fica evidente na história em torno da *Ilex paraguariensis*, pois “a exploração econômica da erva mate nativa na antiga porção de terra outrora pertencente ao Paraguai permitiu a consolidação dos limites fronteiriços entre o Brasil e o Paraguai” (SILVESTRINI, 2018, p. 18). Segundo Haesbaert:

[...] falar em corpo-território é “pensar em como nossos corpos estão

⁸ RODRIGUES, Lucas G. *Corpo Território*. Youtube, 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=p_Zqg5zPp9Y.

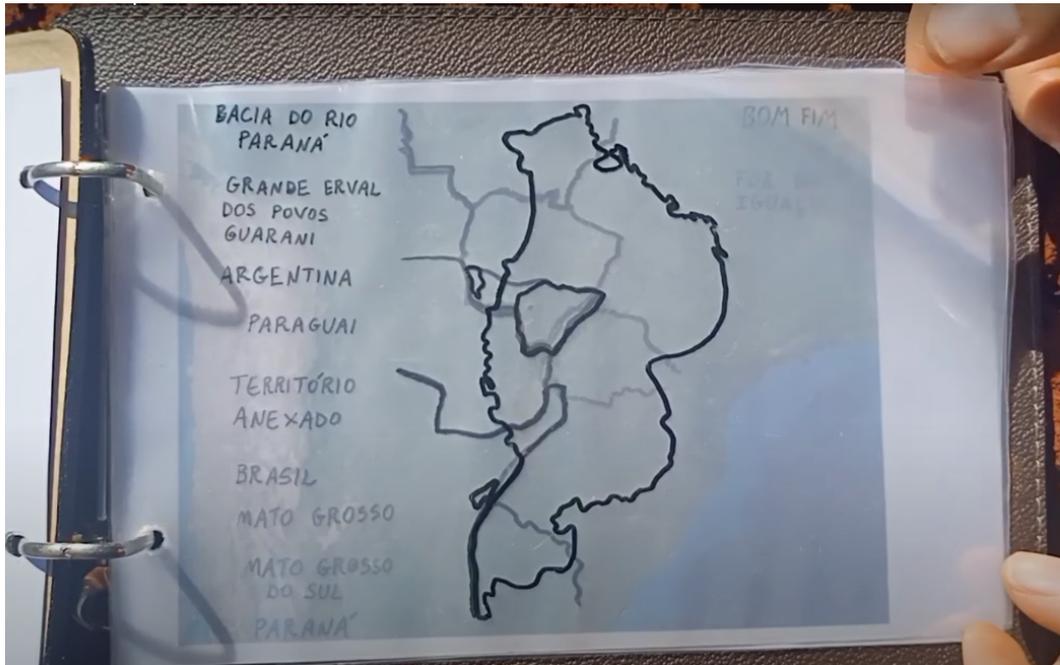
unidos aos territórios que habitam”, o território, a partir das disputas de poder, visto também como “o espaço habitado”, enfatizando que o corpo é o nosso “primeiro território” (2021, p. 175).

Ainda sobre a relação entre corpo e território, Haesbaert considera que a “imbricação entre territórios político-econômicos, basicamente funcionais, e as territorialidades culturais, simbólico-identitárias, sem dúvida pode ser considerada traço marcante de um pensamento latino-americano sobre o território” (2021, p. 175). Como observado por Diana Araujo Pereira, “vivemos tempos de extrema mobilidade territorial e cultural, impulsionada por diversos tipos de migração”, o que torna “os temas da identidade e da convivência social” (2023, p. 27) em importantes pontos de atenção. Segundo a autora:

Como consequência da intensa e interativa rede de informações, sentimentos e pensamentos circulantes, os sujeitos vão se tornando, cada vez mais, lugares mínimos de autonomia relativa. Os corpos se desenham como territórios cuja fronteira vai muito além da espessura da pele ou da distância alcançada pelo olhar; corpos-territórios cada vez mais conectados com tecnologias móveis que expandem os sentidos e a captura de informações e, ao mesmo tempo interagem com a diversidade e a heterogeneidade. Corpos que se movimentam por espaços físicos e virtuais, levando consigo arquivos de memórias variadas, elaboradas por experimentações concretas ou imaginadas, transformando os mapas da realidade [...] (PEREIRA, 2023, p. 27).

Na obra *Corpo Território* a escultura em forma de pote é o corpo, capaz de armazenar em si mesmo um repertório de memórias variadas. Antes de realizar as conversas para esta pesquisa, meu avô materno já havia falecido, em 22 de agosto de 2017, então não seria possível conversar com ele e ouvir a risada engraçada do vô Gaúcho. Mas, mesmo assim, conversando entre nós da família dele foi possível reunir memórias sobre ele. Depois de ter realizado as conversas em janeiro de 2020, meu avô paterno veio a falecer, em 28 de maio de 2021, mas ainda restavam as memórias e os áudios com tudo o que ele contou nesse encontro. Nosso corpo é algo finito no tempo e espaço, mas com presença mediada entre uma infinidade de interações e negociações, que demonstram muito bem a fragmentação, a porosidade nas nossas fronteiras, já não mais entendidas como limites.

Figura 10: Fronteiras sobrepostas (interior).



Fonte: Acervo do autor, 2023.

Todas estas fronteiras nos atravessam neste exato momento, pois:

Cada corpo concentra imagens e palavras (re)elaboradas conforme a sua dinâmica de interação com outras imagens e palavras que o circundam e perpassam, transformando-se, assim, em palimpsestos (re)escritos segundo aquilo que conseguem armazenar, ou segundo as interações que chegam a elaborar. Corpos, enfim, que se erigem como lugares e que carregam consigo raízes, línguas, culturas próprias elaboradas mediante complexas negociações com a(s) alteridade(s). A filósofa Márcia Tiburi (2014, p. 121) chega a afirmar que “somos seres de mediação, vivendo na ‘medialidade’, ou seja, vivendo em função do que falamos, fazemos e sentimos” (PEREIRA, 2023, p. 27).

6. A VÓ UTA E O VÔ GAÚCHO

Neste ponto apresento as conversas realizadas com pessoas da família em janeiro do ano de 2020. A história de vida dos avós maternos, Edulfa Sanábria Gauchinho e Olímpio da Silva Gauchinho, é o início desta Cartografia Afetiva. O vídeo [A vó Uta e o vô Gaúcho](#)¹¹ traz a gravação em áudio e a transcrição da primeira conversa, na qual apresentei essa ideia de trabalho de conclusão de curso. As migrações aconteceram tanto com a família da vó Uta quanto com a do vô Gaúcho, interligando territórios do Brasil, Paraguai e Argentina. As informações foram mais abundantes em relação à família da vó Uta, uma vez que ela própria pode contar sua história a partir de suas memórias. Já a história de vida do vô Gaúcho ficou com lacunas, uma vez que, após seu falecimento em 2018, foram outros familiares que contaram ela a partir de suas próprias lembranças do que ele havia contado. A figura 11 mostra minha mãe e a vó Uta, com seu chimarrão, além de um trecho da transcrição da conversa.

Figura 11: Conversa sobre a história de vida da vó Uta e do vô Gaúcho.



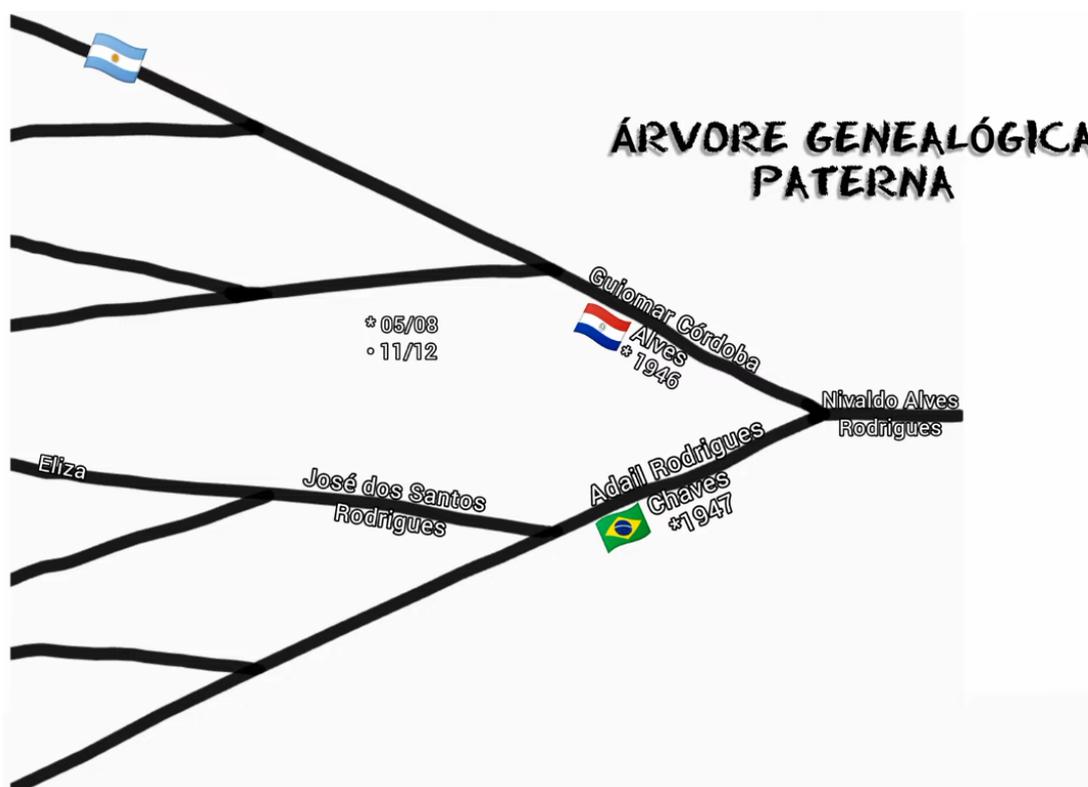
Fonte: Acervo do autor, 2020.

¹¹ RODRIGUES, Lucas G. A vó Uta e o vô Gaúcho. Youtube, 2023. Disponível em: <https://youtu.be/7NVSSO3Enl0>.

7. A VÓ GUIMA E O VÔ DAIL

A avó Guiomar Córdoba Alves e o avô Adail dos Santos Chaves contaram suas histórias de vida no vídeo intitulado [A vó Guima e o vô Dail](#)¹². A partir dos dados que vão aparecendo nesta gravação de áudio, a árvore genealógica da família paterna vai sendo detalhada visualmente, como mostra a figura 12. Alguns dos tipos de informações que aparecem são nomes de pessoas e lugares, datas de nascimento e falecimento, nacionalidades e migrações. De ambos os lados da família foram relatadas migrações que interligam Brasil, Paraguai e Argentina.

Figura 12: Informações citadas na conversa com a vó Guima e o vô Dail.



Fonte: Acervo do autor, 2023.

¹² RODRIGUES, Lucas G. A vó Guima e o vô Dail. Youtube, 2023. Disponível em: <https://youtu.be/Mm2wfP77RNA>.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da graduação em Mediação Cultural - Artes e Letras o aspecto interdisciplinar do curso abre caminhos a diferentes possibilidades de apreensão e apropriação do conceito de Mediação Cultural, o que possibilita a criação de diversos pontos de vista neste campo de pesquisa. Utilizar a Cartografia Afetiva como forma de acompanhamento do processo criativo da Árvore Genealógica Migrante, contribuiu com o trabalho de experimentação na prática artística, uma vez que abriu caminhos de criação por meio de conexões entre a minha subjetividade e o contexto histórico, político e social no qual estou inserido a partir das minhas famílias, materna e paterna.

Nesse caso, olhar para o passado compartilhado por nós de uma mesma família, tornou-se uma forma de construir horizontes criativos, para me conectar com o contexto fronteiriço a partir do qual me insiro no mundo. Dessa forma, ao realizar esta pesquisa encontrei pontos de aproximação entre a vida acadêmica e minha realidade cotidiana entre histórias e afetos. Antes desta pesquisa, pensava que era migrante por ter vindo do município de Laguna Carapã, no Mato Grosso do Sul, para Foz do Iguaçu, no Paraná, mas as memórias resultantes deste trabalho me fazem crer que as migrações já estavam presentes mesmo antes de meus pais nascerem. O material recopilado como dispositivo para criação deixa margem de possibilidade para que este processo criativo não tenha fim com este memorial descritivo, para seguir detalhando as relações entre nossas histórias de vida e as fronteiras que habitamos e que nos habitam entre Brasil, Paraguai e Argentina.

REFERÊNCIAS

América do Sul. (2022). Google Earth. Google.

AMIEL, Vincent. A estética da Montagem. São Paulo: Texto & Grafia , 2007. Acesso em 1 jul. 2023. Disponível em: <<https://pdfcoffee.com/estetica-da-montagem-2-pdf-free.html>>. Acesso em 1 jul. 2023.

Canal Encuentro. Historias debidas VIII: Silvia Rivera Cusicanqui (capítulo completo) - Canal Encuentro. Youtube, 18 de abr. de 2018. (40m30s-41m47s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1q6HfhZUGhc&t=3s>>. Acesso em 1 jul. 2023.

CARMO, Ana; GONÇALVES, Eduarda. Mapas abertos, espaços experimentais em cartografias de artistas. Poéticas Visuales y Procesos de Creación. In: Seminário Internacional de Investigación en Arte y Cultura Visual, 1., 2017, Montevideo. Atas... Montevideo, Universidad de la República Uruguay, Instituto “Escuela Nacional de Bellas Artes”. v. 1, p. 580-588. Disponível em: <<http://seminarioculturavisual.enba.edu.uy/#ubicacion>>. Acesso em 1 jul. 2023.

Classic Beyoncé. Beyoncé - Countdown (Revel Presents: Beyoncé Live Instrumental). Youtube, 18 de nov. de 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Wkc8hLQwpj8>>. Acesso em 1 jul. 2023.

Conversas com pessoas da minha família. (Janeiro, 2020).

COSTA, Luciano. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. Revista Digital do LAV - Santa Maria - vol. 7, n.2, p. 66-77 - mai./ago.2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/15111>>. Acesso em 1 jul. 2023.

CUSICANQUI, Silvia R. Sociología de la imagen: Miradas Ch'ixi desde la historia andina. 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tinta Limón. 2015. Disponível em:

<https://sentipensaresfem.files.wordpress.com/2016/09/rivera_cusicanqui_sociologia_de_la_imagen2015.pdf>. Acesso em 1 jul. 2023.

_____. “Tenemos que producir pensamiento a partir de lo cotidiano”. Entrevista concedida a Kattalin Barber. Feminismo Poscolonial. El Salto. Fev. 2019. Disponível em:

<https://www.elsaltodiario.com/feminismo-poscolonial/silvia-rivera-cusicanqui-producir-pensamiento-cotidiano-pensamiento-indigena?fbclid=IwAR0PBGz6bIIQkGMTgtyPNrDEs8DoRh4f1IIRt2jjGMdIIvmlpph_KyfmhS0>. Acesso em 1 jul. 2023.

FIORAVANTI, Carlos. As raízes da resistência. Pesquisa FAPESP, São Paulo, v. 1, n. 236, p.16-23, Outubro de 2015. Acesso em 1 jul. 2023.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. Abya Yala, el descubrimiento de América. Em: GIARRACCA, Norma. Bicentenarios (otros), transiciones y resistencias. 1a ed. - Buenos Aires : Una Ventana, p.39-46, 2011. Disponível em: <<https://biblioteca-repositorio.clacso.edu.ar/handle/CLACSO/1209>>. Acesso em 1 jul. 2023.

GONDAR, Jô. O que é memória social?. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 2005. Disponível em <http://www.memoriasocial.pro.br/painel/pdf/publ_24.pdf>. Acesso em 1 jul. 2023.

HAESBAERT, Rogério. Território e descolonialidade: sobre o giro (multi)territorial/de(s)colonial na “América Latina”. Buenos Aires: CLACSO, 2021. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/geografares/2120>>. Acesso em 1 jul. 2023.

JELIN, Elizabeth. Los trabajos de la memoria. - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires : Fondo de Cultura Económica, 2021. Disponível em: <<https://fce.com.ar/wp-content/uploads/2021/07/Jelin-Los-trabajos-de-la-memoria-adelanto.pdf>>. Acesso em 1 jul. 2023.

Martírio. Documentário. (162 min, 2016). Direção de Vincent Carelli, Tatiana Almeida e Ernesto de Carvalho. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=113160341366446>. Acesso em 1 jul. 2023.

Milani, Edison. (2004). Comentários sobre a origem e a evolução tectônica da Bacia do Paraná. In: Mantesso-Neto V., Bartorelli, A., Carneiro C.D.R., Brito-Neves B.B. (org). Geologia do Continente Sul-Americano: Evolução da Obra de Fernando Flavio Marques de Almeida. São Paulo. 265-279. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4960625/mod_resource/content/0/Milani2004_cap_Livro_Almeida1%20%281%29.pdf>. Acesso em 1 jul. 2023.

O'GORMAN, Edmundo. A invenção da América. São Paulo: Unesp, 1992. Disponível em: <<https://dokumen.tips/documents/ogorman-edmundo-a-invencao-da-america-parte-1-e-3.html?page=1>>. Acesso em 1 jul. 2023.

OLIVEIRA, Roberto C. de. O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever. Revista de Antropologia, [S. l.], v. 39, n. 1, p. 13-37, 1996. DOI: 10.11606/2179-0892.ra.1996.111579. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111579>>. Acesso em 1 jul. 2023.

ORTIZ, Rolando A. Pájaro campana. Medellín: CODISCOS S.A.S.: 1968. LP. (3min53s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uzndIxsTz0k>>. Acesso em 1 jul. 2023.

PEREIRA, Diana A. A UNILA em processo: mediação como prática. Revista SURES: 2015, jul, Número: 6, pág. 102-111. Disponível em: <<https://revistas.unila.edu.br/sures/article/view/365>>. Acesso em 1 jul. 2023.

_____. Escritas de si - Sobre alteridades e mediações. Revista de Literatura, História e Memória, [S. l.], v. 14, n. 23, p. 43–57, 2018. DOI: 10.48075/rlhm.v14i23.19577. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm/article/view/19577>>. Acesso em 1 jul. 2023.

_____. Mediação Cultural na América Latina: utopias em curso. 1a ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires : CLACSO ; Foz do Iguaçu : Universidade Federal da Integração Latino-Americana - UNILA, 2023. Disponível em: <<https://biblioteca-repositorio.clacso.edu.ar/handle/CLACSO/171697>>. Acesso em 1 jul. 2023.

_____. Muros que hablan: estéticas fronterizas. Em.: Poéticas e Políticas da Linguagem Posta em Vias de Descolonização. DINIZ, Alai Garcia; PEREIRA, Diana Araujo; ALVES, Lourdes Kaminski (Orgs.). São Carlos: Pedro & Editores, 2017. Acesso em 1 jul. 2023.

_____. Outras Palavras/Otras Palabras. 1. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008. v. 1. 100p. Acesso em 1 jul. 2023.

PEREIRA, Juliana C. Cartografias afetivas: proposições do professor-artista-cartógrafo-etc. (Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina). 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/172362>>. Acesso em 1 jul. 2023.

PIMENTEL, Lúcia. Processos artísticos como metodologia de pesquisa. Ouvirouver, Uberlândia v. 11 n. 1 p. 88-98 jan./jun. 2015. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/32707>>. Acesso em 1 jul. 2023.

RODRIGUES, Lucas G. Árvore Genealógica Migrante: Uma Cartografia Afetiva Desde Histórias de Vida. Youtube, 2023. Disponível em: <https://youtube.com/playlist?list=PLMUizYvuF5robxfuXsdify_xsT4HQ7Wfi>. Acesso em 1 jul. 2023.

SANTOS, Silvio M. A. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. *Plural*, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 214-241, 2017. DOI: 10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2017.113972. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/113972>>. Acesso em 1 jul. 2023.

Should be asleep. Tomoyuki Asakawa (朝川朋之) - Endless Tide (ゆくえなき夜に) (1993) [Full Album]. Youtube, 23 jun. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9fvGgaqo61s&t=339s>>. Acesso em 1 jul. 2023.

SILVESTRINI, Rubens; WEINGARTNER, Alisolet; TACHIBANA, Luã. A Tríade “Guerra do Paraguai-Erva Mate-Território”: a contribuição da *Ilex paraguariensis* para a formação da fronteira do território brasileiro pós-guerra. *ARGAMASSA - Revista das Engenharias, Arquitetura e Urbanismo, Geografia, Gestão, Decisão e Memória*, Campo Grande, p. 17-29, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufms.br/index.php/argamassa/article/view/6814>>. Acesso em 1 jul. 2023.

TAYLOR, Diana. O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/56135>>. Acesso em 1 jul. 2023.

UNILA. Projeto Pedagógico do curso de Mediação Cultural - Artes e Letras. Foz do Iguaçu, 2020. Disponível em: <<https://portal.unila.edu.br/graduacao/mediacao-cultural-artes-letras/ppc>>. Acesso em 1 jul. 2023.

UNILA. Projeto de Pesquisa Arte e Natureza: Poéticas e Pedagogias da Mãe Terra. Foz do Iguaçu, 2019-2021. Disponível em: <https://issuu.com/gabrielacanale/docs/arte_e_natureza_po_ticas_e_pedagogias_da_m_e_terr>. Acesso em 1 jul. 2023.

WORCMAN, Karen; PEREIRA, Jesus V. História falada: memória, rede e mudança social, de Coordenadores Karen Worcman e Jesus Vasquez Pereira.- São Paulo : SESC SP : Museu da Pessoa : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

Disponível em:

<https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1074497/mod_resource/content/1/LEITURA%20COMPLEMENTAR%20-%20Livro%20-%20Hist%C3%B3ria%20Falada.pdf>.

Acesso em 1 jul. 2023.

Ybmusic. Luedji Luna - Um Corpo no Mundo. Youtube, 13 de dez. de 2016. (6m43s).

Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=V-G7LC6QzTA&list=OLAK5uy_mldwILcEUDgYK7fP8VZC7dMhOGBHGsbca&index=4>. Acesso em 1 jul. 2023.